
Artigo

O LACERDISMO COMO FENÔMENO POLÍTICO

Por Gabriel Cheleiro Justino

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo trazer ao debate um dos principais fenômenos políticos brasileiros no séc. XX, o Lacerdismo, que no início da metade final do século fez com que Carlos Lacerda e sua política ficassem maiores que seu próprio partido, a UDN mas que paradoxalmente, apesar de seu tamanho, não deixou herdeiros, tampouco foi adiante sem sua figura central. A especificidade desse movimento e seu contexto de atuação é o que debateremos ao longo deste artigo.

Palavras-chave: Lacerdismo; Fenômeno político; Política Brasileira

Introdução

Carlos Frederico Werneck Lacerda nasceu no Rio de Janeiro em 30 de abril de 1914, filho de Olga Caminhoá Werneck e de Maurício Paiva de Lacerda, deputado Federal e Ministro da Indústria durante a presidência de Prudente de Moraes, ministro do Superior Tribunal Federal (STF) em 1912, irmão de Maurício de Lacerda Filho, de Vera Werneck de Lacerda e de Maurício Caminhoá de Lacerda. Era neto de Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda, também ex-deputado federal e ex-ministro da indústria. (CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. 2020) O posicionamento político à esquerda de seu pai, serviu de inspiração para seu nome. Carlos Frederico, é a união dos nomes de Karl Marx e Friedrich Engels.

A relação de Lacerda com seus pais envolvia ambiguidades. Admirava o pai como um homem fascinante, belo, um gigante na terra, em oposição a sua baixa estatura (MENDONÇA, 2002.), alguém que possuía preocupações com questões sociais. Apesar da admiração, renegava a presença paterna, prova disso eram as cartas enviadas a sua mãe, na qual Lacerda não assinava com seu sobrenome paterno e se recusara a seguir a profissão de seu pai, já que esta era motivo de desgosto perante a família. Pretendia se tornar engenheiro-agrônomo, e considerava a política a razão pela qual seu pai se perdera (LACERDA, 2001).

Carlos Lacerda iniciou a sua carreira política ao ser eleito vereador do distrito federal pela UDN (União Democrática Nacional) em 1947. Conhecido pelo seu forte oposicionismo desde a primeira gestão de Getúlio Vargas, quando tecia

fortes críticas em sua coluna no Correio da Manhã, chamada Tribuna da Imprensa (WAINER, , 1987). A UDN, partido pela qual era filiado e um de seus principais personagens, existiu entre 1946 e 1964, e foi o principal partido oposicionista a Getúlio Vargas, possuindo orientação liberal. (SANTOS, 1998.) A democracia para os udenistas era entendida como uma série de ideários e valores que estavam ligados a um viés liberal, a exemplo dos países do atlântico norte (CHALOUB, 2015. P. 26.). Isso, entretanto, não fazia o partido deixar de ser heterogêneo, havendo diversas subdivisões internas (BENEVIDES, 1981). Esses grupos internos levavam Lacerda a pensar o partido como um saco de gatos e local de atração dos descontentes do governo varguista (LACERDA, 1987. P. 31). Ele mesmo se inseria em um subgrupo denominado udenismo conflitivo, que se caracterizava por possuir um discurso voltado ao embate político diretamente, cabendo às elites a função de liderar esse enfrentamento. Divisões internas à parte, a UDN se apresentava como uma atualização do pensamento liberal (CHALOUB, 2013, P. 294-311).

Segundo Otávio Dulci, o projeto político da UDN se apresenta como alternativo ao populismo, em evidência entre as décadas de 1930 e 1964 (DULCI, 1986). A UDN era composta por setores urbanos, de classe média, desde “anticomunistas à oposicionistas vazios” (BASBAUM, 1976. P. 174-177). Representando, assim, “o liberalismo das classes médias urbanas mais cultas, o liberalismo burguês, mais político que social” (FRANCO, P. 87). O anti-populismo era o que mantinha os diversos grupos internos vinculados à UDN, posteriormente acrescido pelo discurso anticomunismo (DULCI, 1986).

Lacerda trazia a política para a prática, fugindo da atuação teórica, agindo com agressividade, de forma direta. Com base política sempre no distrito

federal, posteriormente estado da Guanabara, Carlos Lacerda vinculava seu projeto político a seu carisma pessoal (CHALOUB, 2013, P. 301). Essa vinculação era conquistada pelos seus incisivos discursos e através deles Lacerda buscava se auto mitificar, desde quando, ainda no período Vargas, tentou destruir a imagem do líder gaúcho no imaginário popular (MENDONÇA, 2002).

Tamanha era a identificação com a figura de Carlos Lacerda e com sua liderança, que dentro da UDN surgira uma corrente conhecida como lacerdismo, postulante de uma “verdadeira democracia”, tal como a proclamavam, principalmente a partir de momentos de instabilidade política, mesmo que para isso tivessem que eliminar quaisquer heranças dos períodos varguistas. Lacerda apresentou-se como a principal figura oposicionista do período, se utilizando de todas as formas de mídias presentes naquele momento (MENDONÇA, 2002.).

Nos períodos de crises, Lacerda construía uma imagem de homem providencial, aquele capaz de tirar o país da crise, (Idem) e como era um homem midiático, presente em rádios, jornais, nos meios de imprensa em geral, o lacerdismo se propagou entre a população de uma maneira rápida, fazendo com que a própria UDN tivesse que acompanhar esse crescimento e conseqüentemente, acabou por gerar conflitos internos no partido, principalmente entre os ditos liberais (DELGADO, 2016. P 3)

A diversidade interna da UDN influenciava seus rumos, a ponto de ocorrer, como aponta Maria Vitória Benevides, uma esperada fragmentação interna do partido (BENEVIDES, 1981 P. 226.), ainda mais acentuada dentro dos estados, sendo cada unidade federativa dona de conflitos internos diferentes, acabando por interferir nas

possibilidades de formações de alianças com outros partidos (BENEVIDES, 1981 P. 226.).

Entretanto, havia uma homogeneidade na representação de um liberalismo udenista elitista, na qual as elites eram vistas como responsáveis para tomar decisões políticas, ao passo que a população, dotada de ignorância, segundo os udenistas, não estaria apta a boas escolhas. Esse discurso serviria como base para a defesa da intervenção militar e a repressão aos operários (BENEVIDES, 1981.P. 194). Para o programa udenista era de suma importância o combate ao comunismo e a preservação de valores cristãos (BENEVIDES, 1981, P. 108), sendo incompatível defender a democracia ao mesmo tempo em que se convive com o comunismo. Ambos devem estar em lados opostos, tendo o comunismo que ser combatido (CHACON, 1981, p. 441.).

Carlos Lacerda ficou conhecido por diversas alcunhas, dentre elas a de “demolidor de presidentes” desde 1955, quando após o processo eleitoral, tentou impedir as posses dos eleitos no pleito, Juscelino Kubitschek e João Goulart (MOTTA, 2005. P. 3). Nesse contexto, profere uma de suas mais famosas frases, onde ele diz: “esses homens não podem tomar posse; não devem tomar posse; não tomarão posse” (MOTTA, 2005. P. 2).

Enquanto governador da Guanabara, Lacerda não deixou de fazer oposição ao governo federal, com ataques também a Jânio Quadros, acusando-o de golpista às vésperas de sua renúncia, mantendo forte antagonismo com seu sucessor, João Goulart (MOTTA, 2005. P. 2). Lacerda defendeu a intervenção dos militares em 1964, rompendo com eles pouco depois, por conta do cancelamento das eleições gerais previstas para 1965 – e prorrogação do mandato de Castelo Branco por mais 2(dois) anos (MOTTA, 2005. P. 4),

da qual o então governador da Guanabara tinha notório interesse em participar com candidato à presidência do Brasil.

Uma outra alcunha atribuída a Carlos Lacerda foi a de “construtor de estados”, incorporada à sua imagem nas primeiras eleições realizadas no novo estado da Guanabara. O então candidato queria passar a imagem de alguém capaz de administrar de forma eficiente e pragmática, de modo que o estado fosse autônomo e detentor de uma maior independência em relação ao governo federal (MOTTA, 2005. P. 4).

Enquanto “construtor de estado”, Lacerda buscou afastar quaisquer vínculos políticos fora do aparato burocrático necessário à gestão estadual. Como consequência, o então governador trazia para sua administração as atenções nacionais para seu campo político (SILVA, 2012 P. 49). Além do processo eleitoral, outros fatores contribuíram para que ele assim fosse reconhecido, incluindo as comemorações do IV centenário da cidade do Rio de Janeiro, somadas à recuperação necessária na cidade após a transferência da capital para o centro-oeste, justificativas para muitas das obras realizadas durante sua gestão (CHUVA, 2017, p. 139-166.).

Durante a campanha presidencial de 1950, Lacerda ameaçava alterar as regras eleitorais para impedir um possível segundo governo Vargas, mesmo que tivesse que recorrer a meios revolucionários (Tribuna da Imprensa, 01/06/1950.), afirmando que essa revolução viria defender a democracia e não a atacar (DELGADO, 2005). Com a derrota eleitoral, a UDN se tornou mais radical, simultaneamente ao período de crises enfrentadas pelo governo em quatro anos, como o aumento em 100% do salário mínimo, que culminou no afastamento do então ministro do trabalho João Goulart. Aumento que gerou

descontentamento por parte dos militares, que enxergavam essa nova medida como uma desvalorização da carreira militar, o que os aproximava do discurso de oposição lacerdista. Dessa forma, o líder udenista atraía para seus quadros, classe média, forças armadas, e a burguesia industrial (DULCI, 1986).

Posteriormente, os lacerdistas lideraram o pedido de impeachment do presidente Vargas, o que foi negado. (DULCI, 1986) Tal pedido, ineficiente, obrigou a UDN e Carlos Lacerda a tomarem medidas que resultassem na deposição de Vargas, de modo que o resultado dependeria da existência de um clima hostil no governo (MENDONÇA, 2002.). A partir de agosto de 1954, os ataques de Lacerda que já eram frequentes e ácidos, se tornaram ainda mais radicais, expandindo suas críticas à equipe ministerial e à família do presidente, sobrando até mesmo para setores moderados de seu próprio partido, a UDN (DELGADO, 2005).

Ainda em 1954, as classes médias paulistas e cariocas estavam mobilizadas em torno da UDN em campanhas contra Getúlio Vargas (SAES, Décio. Classe média e sistema político no Brasil. 1985), somando-se a isso o atentado sofrido por Lacerda em frente ao edifício onde residia, na Rua Tolero veio aumentar ainda mais essa tensão. Nessa ocasião o segurança de Lacerda veio a falecer devido aos tiros dados por dois pistoleiros, e Lacerda consegue escapar com segurança, apenas com um ferimento na perna (DELGADO, 2005). De acordo com a perícia feita no local, os ferimentos causados no Major Vaz, eram de armamento de uso exclusivo das Forças Armadas e da guarda presidencial de Vargas, para Lacerda foi o momento ideal para desestabilizar ao máximo o presidente, se utilizando desse atentado e o responsabilizando pelo ocorrido (DULLES, 1992).

A partir do dia seguinte ao atentado, Carlos Lacerda vai associar a imagem do presidente a bandidos e loucos (Tribuna da imprensa 05-06/08/1954), estimulando um sentimento de antigetulismo, exigindo a renúncia do presidente. (Tribuna da imprensa, 11/08/1954.) Os ataques incluíam termos virulentos e ácidos, como quando comparou o getulismo a tuberculose, febre amarela e sífilis, sendo o getulismo, uma doença social (BENEVIDES, 1981, P. 81). A ponto de clamar a população pegar em armas em uma eventual reeleição (MENDONÇA, 2002. P. 115). O antigetulismo lacerdista se baseia mais em uma forma de ataques do que em propostas propriamente ditas, pois Lacerda não apresenta soluções políticas e de gestão como alternativa ao que está sendo feito, se limitando a atacar, a desconstruir a imagem do presidente.

Quando ocorre o suicídio de Getúlio, Lacerda e seu jornal começaram a sofrer ataques da população, sendo responsabilizados pelo ato de Vargas. As consequências não tardaram a chegar na UDN, levando o partido a ser derrotada nas eleições de 1954, reduzindo sua participação no Parlamento, e como único resultado positivo, Lacerda foi eleito deputado federal (DULCI, 1986. v. 1. P. 130). Em seguida, Lacerda inicia uma jornada com o objetivo de se distanciar da imagem de responsável pelo ocorrido, mostrando-se como alguém que não guardava mágoa, reinterpretao o suicídio de Vargas como uma tragédia, na qual suas diferenças ideológicas não importavam nesse momento (LACERDA, 2001. P. 249).

Tanto Lacerda quanto seu partido, a UDN, mantiveram suas posturas de oposição até o advento dos governos militares em 1964, se aproveitando das insatisfações das classes médias com as seguidas crises econômicas que atingiam o Brasil simultaneamente à ascensão das classes

trabalhadoras, tanto na cidade quanto no campo. Isso levou um sentimento de inferiorização por parte das elites, pois achavam que estavam sendo nivelados por baixo com a aproximação das classes operárias (SILVA, 2020).

Café Filho, vice-presidente de Vargas, que já havia rompido com Vargas dois dias antes de seu suicídio, irá assumir o posto de presidente, até o fim do mandato, em 1955 (DELGADO, 2006), quando ocorrem eleições gerais, que foram vencidas pelo então governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek e João Goulart assumindo como vice-presidente, levando a UDN a uma nova derrota.

Lacerda que antes das eleições defendia a intervenção dos militares na política nacional, tentou evitar a posse dos eleitos e não obtendo sucesso, buscou asilo na embaixada de Cuba, de lá seguiu para os Estados Unidos e posteriormente para Lisboa, de onde só retornaria ao Brasil no final de 1956 (FGV-CPDOC. E ele voltou... o Brasil no segundo governo Vargas: Carlos Lacerda. Ver http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/carlos_lacerda. Acessado em 07/08/2020.). Jorge Chaloub identificou nessas atitudes de Lacerda traços de autoritarismo, devido a essa oposição não só às eleições, mas também ao governo de Juscelino (CHALOUB, 2015).

Quando retorna ao Rio de Janeiro, Lacerda inicia seus ataques à JK, chegando a organizar a campanha de Jânio Quadros para as eleições de 1960 tendo como proposta ser diferente da gestão de Juscelino, com denúncias de casos de corrupção na construção da nova capital federal (Idem). A força dos ataques ao JK era tamanha, que Juscelino procurava impedir o acesso de Lacerda aos veículos de rádio e televisão, (DELGADO, Locus: Revista de História, v. 12, n. 2,

P. 11.) através da implementação da Lei Marcial da Imprensa, pois o então presidente temia ser derrubado pelo udenista, caso este fosse para a televisão (DELGADO, Locus: Revista de História, v. 12, n. 2, P. 11.).

A participação na campanha de Jânio, também se deu visando o cargo de governador do futuro estado da Guanabara, porém essa aliança não durou muito, já que quando ambos já tinham conseguido seus objetivos, Lacerda se torna oposição também à Jânio e ao seu sucessor João Goulart (DELGADO, Locus: Revista de História, v. 12, n. 2, P. 11.).

Carlos Lacerda se apresentava como um profundo crítico do populismo, conceito considerado ambíguo e impreciso para Bobbio (BATISTELLA, 2012, P. 468.), sendo um dos mais complexos e polêmicos de nossa historiografia (BATISTELLA, 2012). Como afirma Ângela de Castro Gomes (GOMES, 2001.P. 24-25), tal definição é entendida como uma “política de massas” pois enxerga que os trabalhadores não possuem “nem consciência e nem sentimentos de classe”, além disso, a classe dominante é dotada de conformismo. Ainda há o estado inserido nesse conceito, como uma “democracia populista”, compreendido entre 1945 e 1964 já que “propiciou a conciliação de interesses em benefício da industrialização e em nome do desenvolvimento nacionalista” segundo concepção de Octávio Ianni (IANNI, 1971 P. 62).

Francisco Weffort entende o populismo como um processo iniciado em 1930 através do governo Vargas, provocando uma transformação ampla da sociedade brasileira, caracterizado tanto como uma forma de governo quanto de política de massas. Segundo Weffort, o populismo é o resultado da combinação entre repressão estatal e manipulação das massas com a satisfação dos

trabalhadores ao terem suas demandas atendidas. Esse pacto populista (BATISTELLA, 2012, P.471) ocorre com o estado se comunicando diretamente com a população, sem intermediários, através da figura do presidente (WEFFORT, 1965 P. 176).

O populismo deve entendido, nesse contexto, como um sistema político, com disputas, negociações e reciprocidades entre as mais diferentes classes, sendo assim uma via de mão-dupla de negociações, o que dá protagonismo aos personagens ali inseridos e com isso, há o reconhecimento da importância do poder da classe dominada enquanto sujeito histórico, se impondo sobre o restante da sociedade (LACLAU, 1979, P. 201).

O populismo no Brasil possui bem definidamente seu início e fim, compreende o período entre 1930 e 1964, no qual encontramos lideranças carismáticas, demagogas havendo trabalhadores domesticados, que sofreram com uma incompleta modernização e a ação de um estado paternalista e coercitivo (BATISTELLA, 2012). Essa concepção foi acentuada a partir da concepção de que houve a afirmação de partidos políticos, pelo avanço ideológico do nacional-desenvolvimentismo, crescimento e consolidação dos movimentos sociais rurais e urbanos, além da transformação dos trabalhadores em atores sociais, ganhando assim um protagonismo (BATISTELLA, 2012. P. 474).

Segundo Angela de Castro Gomes, a percepção do povo como protagonista nos faz compreender que a população experimenta situações e relações produtivas e a trazem para sua cultura, de inúmeras formas, e a partir daí agem sobre uma determinada situação (THOMPSON, 1981. P. 182). Isso permite a geração de um dinamismo nas relações entre trabalhadores e políticos, sendo uma relação passível de reinvenção (GOMES,

2002 P. 59). Para a autora, os trabalhadores se apropriam dos símbolos das elites e recriam seus significados, ampliando o varguismo para além do que era proposto pelas suas lideranças (COSTA, 2001. P. 30-31). Tendo em vista essa discussão, a tese clássica do populismo é desmontada, como a que ofereceria a manipulação de uma população que por sua vez era passiva e inconsciente, onde, além disso, havia a expansão propagandista dos ideais políticos (BATISTELLA, 2012, P. 477).

Na perspectiva maniqueísta, Lacerda pedia ações mais contundentes no combate ao comunismo, já que esse mal se assemelha a uma doença que rapidamente poderia se alastrar. Porém, como governador da Guanabara, o udenista não se limitava a criticar, apresentava também soluções apontando a modernização do Brasil, de acordo com o modelo liberal dos Estados Unidos, como capaz de superar um passado que tanto atrasava o país (BATISTELLA, 2012, P. 477). Lacerda tomou partido dentro de um cenário de Guerra Fria, se alinhando aos norte-americanos, já que estes poderiam, segundo ele, representar o melhor para os interesses nacionais brasileiros. A isso se explica a ligação que possuía com as elites ligadas ao mercado, que defendiam a liberdade estatal (BATISTELLA, 2012, Pág 110-111), bem como o seu apoio aos militares, em 1964.

A UDN tinha em seu alicerce, em sua base de sustentação, o anticomunismo, o antipopulismo, sendo que Lacerda representava o antigetulismo (REGINA, 2020. P. 71) e essas correntes se unificavam em torno de um inimigo em comum, semelhante ao que pensava e propagava Carlos Lacerda em seus discursos (DULCI, 1986.). Eram esses inimigos quem davam fôlego e sustentavam o partido, afinal os udenistas possuíam “qualidades morais e intelectuais” (CHALOU, 2010.), não havendo ninguém melhor do que eles a ocupar

o poder (CHALOUB, 2010.). A atuação udenista tinha por objetivo “desintoxicar” o Brasil, após passar anos sofrendo com a demagogia, de um período ditatorial (LACERDA, 1977).

O fenômeno do lacerdismo

A maneira pela qual Lacerda combatia o populismo, reforçava o sentimento do lacerdismo, já que ele era a personificação da luta contra Getúlio e a sua herança, passando pelos seus herdeiros, com ataques elevados ao extremo, principalmente através do seu periódico A Tribuna da Imprensa (BENEVIDES, 1981). O lacerdismo como um fenômeno antipopulista surge na década de 1950 e se prolonga na primeira metade dos anos de 1960, quando ocorre a crise que levaria Vargas ao suicídio, em 1954, e posteriormente com a eleição de Jânio Quadros a presidente. A própria eleição de Lacerda ao governo do estado da Guanabara (DELGADO, 2006, P. 9) também se apresenta como uma solução para desmontar o aparato iniciado por Getúlio, como o populismo, a corrupção e o comunismo (Idem P. 9).

Lacerda, em alguns momentos, parece adotar aquilo que criticava, conforme a necessidade e a conveniência, tal como incluir em seus discursos os trabalhadores da cidade como dotados de um papel de destaque político (MCCANN, 2018. P 222). Segundo o próprio Lacerda, o lacerdismo era um fenômeno reformador (LACERDA, 1977. P. 222), e assim como a UDN possuía suas contradições, entre as quais o apoio à candidatura de Jânio Quadros à presidência, já que o então candidato era uma referência do populismo paulista (AZEVEDO, 1988: apud DELGADO, 2006: P. 76). Com diferentes posturas adotadas ao longo dos anos, Lacerda justifica que o importante era “acompanhar a evolução dos acontecimentos”

(LACERDA, 1982. P. 87)

A exposição de Lacerda nas mídias, sejam elas impressas, rádios ou até mesmo a televisão fazia surgir uma subcategoria do lacerdismo, as ditas “mal-amadas”, termo cunhado pelo cronista Antônio Maria sobre o segmento do eleitorado feminino emergente que o acompanhava principalmente pela a televisão e eram contagiadas pela sua “imagem viril e vibrante, associada a uma oratória inflamada” (MOTTA, 1999.76. P. 76). O próprio Lacerda entendia o termo como algo pejorativo, pois;

as “mal amadas”, segundo Antônio Maria, seriam criaturas que não eram suficientemente amadas pelos respectivos maridos ou namorados e que se fixavam em mim, como um mito, assim, machista. Era essa a intenção dos que usavam o termo pejorativamente. Era como se você dissesse, “as solteironas”. (LACERDA, 1977.)

Ainda mais detalhadamente sobre a origem do termo,

Antônio Maria fez um programa uma noite na televisão que incomodou o Lacerda. Olhou para a câmera e disse: “Minha senhora, não se vota num homem porque ele é bonito. Carlos Lacerda é um homem bonito, mas não se vota por isso, não. A senhora deve prestigiar o seu marido, a sua casa”. Quando o Maria disse isso, Lacerda sentiu que ele tinha aberto uma cunha, que poderia lhe tirar um percentual de votos por ciúme, por chamar a atenção do sujeito para o fato de que aquilo que a mulher dele estava sentindo pelo Lacerda era tesão, não era posição política. Isso poderia prejudicá-lo. No dia seguinte Lacerda foi à televisão responder e disse assim: “Ontem, um homem gordo e balofo esteve aqui na televisão”. Olhou para a câmera: “Um homem de noitadas” (SILVA, 2012.).

Nada poderia ser tão grave a Lacerda e ao lacerdismo quanto ter sua imagem pública

queimada, ser visto de forma negativa, pois ele buscava mistificar sua imagem, tentava se autoglorificar (MENDONÇA, 2002. P. 39). O udenista se baseava em seu carisma, mas esse carisma não foi transmitido a sucessores, se mostrando ótimo em se tratando do “demolidor de presidente”, mas não em preparar herdeiros políticos, embora houvesse uma enorme e inegável influência do jornalista em diversos setores, como militares e nas instituições civis (CHALOUB, 2015. P. 34). A visão política do lacerdismo, baseada na identificação de um mal a ser combatido, mesmo que para isso tivesse que adotar meios radicais, vem ao encontro da reflexão de Umberto Eco “ter um inimigo é importante não somente para definir a nossa identidade, mas também para encontrar o obstáculo em relação ao qual medir nosso sistema de valores (...). Portanto, quando o inimigo não existe, é preciso construí-lo” (ECO, 2011).

Isso faz com que o discurso de Lacerda assumia um caráter religioso, pois a derrota do adversário se transforma em um objetivo a ser cumprido, mesmo que para isso tivesse que arcar com consequências decorrentes de seu tom agressivo (CHALOUB, 2015. P. 86). O mais conhecido exemplo é o atentado sofrido na Rua Tolero no qual Lacerda acusa diretamente Getúlio pela morte de seu segurança, o Major Rubens Vaz (DELGADO, 2006. p. P. 86).

Em seus discursos, era frequente a citação ao partido comunista, como um perigo ao país, tal como uma doença que ameaça o Brasil (LACERDA, 2015. p. 116), perigo esse que se somava ao que Lacerda chamava de irmão gêmeo, o fascismo, não que ele as considerasse iguais, mas que caminhariam lado a lado em prol de um mesmo objetivo, que é a ditadura (LACERDA, 2015. p. P. 91). O que pode parecer contraditório, já que Lacerda apoiou a ditadura civil-militar instalada

em 1964, como principal representante da cena anticomunista no Brasil (CHALOUB, 2015. P. 109).

Após Lacerda se tornar oposição ao governo de Jânio e de João Goulart, o movimento lacerdista, caracterizado como antipopulista e antitrabalhista trouxe os insatisfeitos para o seu lado e assim pode se apresentar como alternativa, como o oposto deste projeto em curso até então. (DULCI, 1986.) O lacerdismo buscava se tornar uma opção ao populismo, de modo a reestabelecer uma hierarquia social e ordem política considerada perdida com o populismo. Em sua gestão como governador eleito do novo estado da Guanabara, tentou aliar sua imagem de “demolidor de presidente” à de construto de estados (MOTTA, 2001.), ou seja, não se limitou a fazer oposição, mas se apresentar como um político também capaz de gerir, de ser um bom administrador (PEREZ, 2005.), ajudando, assim, a projetar sua imagem de candidato à presidência.

Lacerda nunca escondeu sua vontade de disputar as eleições presidenciais, pois considerava um direito seu terminar sua carreira política no posto mais alto do país (LACERDA, 1977). Porém, com o advento do Ato Institucional nº2, que previa a cassação de políticos, a extinção de partidos políticos, além de transformar as eleições presidenciais em indireta («ATO INSTITUCIONAL Nº 2, DE 27 DE OUTUBRO DE 1965.». www.planalto.gov.br. Consultado em 17 de agosto de 2020), sua tão sonhada eleição presidencial não aconteceria, eliminando de vez com seus planos de governar o Brasil.

Com base no seu descontentamento com os rumos e prorrogação do governo militar e já após sua saída do governo da Guanabara, Lacerda, junto de seus antigos adversários políticos, Juscelino Kubitschek e João Goulart formaram a chamada Frente Ampla, que nada mais era do

que um manifesto político ao povo brasileiro, como o objetivo de redemocratizar o Brasil, cuja intenção era a de mais tarde se configurar como um partido político (AULER, 2011, p. 110). Tal fato não se concretizou por dificuldades impostas pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA) (DULLES, 1992. P.483) e pela negativa de Jango para a constituição partidária do grupo, embora a posse de Costa e Silva desse fôlego às pretensões de um partido da Frente Ampla (DULLES, 1992. P.483).

Entretanto, acabando de vez com os planos da Frente Ampla, os militares vieram a promulgar a portaria de número 177 de 1968, que proibia qualquer atividade desse grupo. Ainda nesse mesmo ano, é instituído o AI-5 (O AI-5 foi o mais rigoroso dos Atos Institucionais, pois cassou parlamentares contrários ao governo, permitiu a intervenção presidencial nos municípios e estados. Para mais informações, consultar CODATO, Adriano . O GOLPE DE 1964 E O REGIME DE 1968: ASPECTOS CONJUNTURAIS E VARIÁVEIS HISTÓRICAS. História. Questões e Debates , Curitiba - PR, v. 40, p. 11-36, 2005.), pelo qual Lacerda seria preso. Solto após uma semana, Carlos Lacerda perderia seus direitos políticos pelo período de dez anos (CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. 2020).

Após um período atuando como correspondente na Europa e na África do jornal O Estado de São Paulo e do Jornal da Tarde, regressaria ao Brasil para seguir no ramo empresarial tanto nas companhias Crédito Novo e Construtora Novo Rio. Veio a falecer em 1977, aos 63 anos.

Gabriel Cheleiro Justino é Mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

REFERÊNCIAS

«ATO INSTITUCIONAL Nº 2, DE 27 DE OUTUBRO DE 1965.». www.planalto.gov.br.

AULER, Isabel Cristina Fernandes; Reznik, Luís. **As Memórias de Carlos Lacerda. Evocação de um passado presente**. Rio de Janeiro, 2011, 110 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

AZEVEDO, Luiz Vitor Tavares. **Carlos Lacerda e o discurso de oposição na Tribuna da Imprensa (1953-1955)**. Dissertação de Mestrado defendida no ICHF/UFRJ em 1988: 114, apud DELGADO, Márcio de Paiva., op. cit., 2006:

BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República de 1930 a 1960**. 4.^a ed. São Paulo: Alfa Omega, 1976.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL.. In: Carlos Lacerda. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/carlos_lacerda> Acesso em: 06. ago. 2020.

CHACON, Vamireh. **História dos Partidos Brasileiros**. Brasília: UNB, 1981,

CHALOUB, Jorge. **O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946**. Tese (Doutorado em Ciência Política). Rio de Janeiro: IESP/UERJ, 2015.

CODATO, Adriano . **O GOLPE DE 1964 E O REGIME DE 1968: ASPECTOS CONJUNTURAIS E VARIÁVEIS HISTÓRICAS**. História. Questões e Debates , Curitiba - PR, v. 40, p. 11-36, 2005.

COSTA, Emília Viotti da. **Experiência versus estruturas. Novas tendências na história do trabalho e da classe trabalhadora na América Latina –o que ganhamos? O que perdemos?** História Unisinos, São Leopoldo, número especial, p. 17-51, 2001.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Parque do Flamengo: projetar a cidade, desenhando**

patrimônio. ANAIS DO MUSEU PAULISTA: HISTÓRIA, CULTURA E MATERIAL (IMPRESSO), v. 25, p. 139-166, 2017.

DELGADO, Márcio de Paiva. **Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964).** In Locus, Revista de História. Juiz de Fora, Novembro/2016. P. 3. Ver <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/view/2703/2105>. Acesso em 06/08/2020.

DELGADO, Márcio de Paiva. **O “golpismo democrático”: Carlos Lacerda e o jornal Tribuna da Imprensa na quebra da legalidade (1949-1964).** 2006. Dissertação de Mestrado (em História, Cultura e Poder). Departamento de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora

DELGADO, M. P. . **O jornalista e o político Carlos Lacerda nas crises institucionais de 1950-1955.** In: Primeiro Colóquio do LAHES - 13 a 16 de Junho de 2005, 2005, Juiz de Fora. O jornalista e o político Carlos Lacerda nas crises institucionais de 1950-1955. Juiz de Fora, 2005

DULCI, Otávio Soares. **A UDN e o anti-populismo no Brasil.** Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1986.

DULLES, John WF. **Carlos Lacerda: a vida de um lutador.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992

ECO, Umberto. **Construir o inimigo: e outros escritos ocasionais.** Trad. Jorge Vaz de Carvalho, Lisboa: Gradiva. 2011.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **História e teoria dos partidos políticos no Brasil.** 3.^a ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1980

GOMES, Angela de Castro. **O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito.** In: FERREIRA, Jorge (org.). O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

IANNI, Octávio. **O colapso do populismo no Brasil.** 2.^aed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971

LACERDA, Carlos. **Depoimento.** 3.^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

LACERDA, Carlos. **Discursos parlamentares:**

seleta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LACERDA, Carlos. **Rosas e Pedras no meu caminho.** Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001. In: MENDONÇA, Marina Gusmão. **O demolidor de presidentes: a trajetória política de Carlos Lacerda, 1930-1968.** São Paulo: Códex, 2002.

(LACLAU, 1979, P. 201). IN: BATISTELLA, Alessandro. **“Um conceito em reflexão: o “populismo” e a sua operacionalidade”.** In: Revista Latino-Americana de História, Vol. 1, nº. 3 – Março de 2012, Edição Especial – Lugares da História do Trabalho

MCCANN, Bryan. **Carlos Lacerda: The Rise and Fall of a Middle-Class Populist in 1950s Brazil.** Hispanic American Historical Review, v. 83, n. 4, p. 661-696, 2003. In: MELLO, Guilherme . **Oposição demolidora: a formação do lacerdismo.** 2018. (Apresentação de Trabalho/Seminário)

MENDONÇA, Marina Gusmão. **O demolidor de presidentes: a trajetória política de Carlos Lacerda, 1930-1968.** São Paulo: Códex, 2002.

MOTTA, Marly Silva da. **Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estado.** Nossa História. Rio de Janeiro, nº19, p.72-25, maio, 2005.

MOTTA, Marly Silva da. **Frente e verso da política carioca: o Lacerdismo e o Chaguismo.** Estudos Históricos - Cultura Política, Rio de Janeiro, v.13, nº 24, p.351-376, 1999.

PEREZ, Maurício Dominguez. **Estado da Guanabara: Gestão e estrutura administrativa do governo Carlos Lacerda.** (Doutorado em História Social, tese). Rio de Janeiro. UFRJ, 2005.

REGINA, Thiago Costa Juliani. **As representações sobre a União Democrática Nacional na imprensa carioca do Segundo Governo Vargas (1951-1954).** 2020. 181 páginas. Dissertação (Mestrado em História), Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020

SAES, Décio. **Classe média e sistema político no Brasil.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1985

SANTOS, Wanderley Guilherme dos.

Décadas de Espanto e uma Apologia Democrática. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SILVA, C. A. de S. e. **A virtude dos sacrifícios versus a ciência das transações: Tenório Cavalcanti e o campo político do Rio de Janeiro.** 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012

SILVA, Kiane Follman da – **A reorganização da direita no Brasil e o papel do MBL. Da fundação ao impeachment de Dilma Rousseff (2013-2016),** 2020.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria, ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981

Tribuna da Imprensa, 01/06/1950.

Tribuna da imprensa 05-06/08/1954

Tribuna da imprensa,11/08/1954.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver.** Rio de Janeiro, Record, 1987.

WEFFORT, F. C., **“Políticas de massas”,** in **Política e Revolução Social no Brasil.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965